

**Jornalismo digital:  
a circulação de informações no jornalismo *on line* e no webjornalismo**

Manassés Morais XAVIER<sup>1</sup>  
Robéria Nádia Araújo NASCIMENTO<sup>2</sup>

**Resumo**

O mundo contemporâneo é marcado pelo avanço das tecnologias, evidenciando que, diante da globalização, isto é, da crescente abertura de mercado em nível mundial, os aparelhos tecnológicos definem as/os atividades/comportamentos das interações sociais. Nesse sentido, o presente trabalho discute, a partir de situações reais de comunicação, as especificidades hipermediáticas das práticas do jornalismo digital, a saber: jornalismo *on line* e webjornalismo. O trabalho obteve contribuições teóricas oriundas de estudiosos como Lévy (1999), Ward (2006), Ferrari (2009), Pinho (2003), dentre outros, que articulam saberes sobre a interconexão entre cibercultura e novas tecnologias da informação e da comunicação.

**Palavras-chave:** Ciberespaço. Jornalismo Digital. Jornalismo *On line*. Webjornalismo.

**Abstract**

The contemporary world is marked by the advance of the technologies, attesting that, into the globalization process, i.e. the increasingly opening worldwide market the technological devices define the activities and the behaviors of the human social interactions. For this reason, the present paper discusses the specific practices of the hypermedia digital journalism, namely *online journalism* and *webjournalism*, taking some real communicative situations as examples for analysis. This work has got theoretical contributions coming from scholars such as Levy (1999), Ward (2006), Ferrari (2009), Pine (2003), among others, who articulate knowledge about the interconnection between the cyberculture and the new information technologies and communication.

**Keywords:** Cyberspace. Digital Journalism. Online Journalism. Webjournalism.

---

<sup>1</sup> Professor Mestre em Linguagem e Ensino – UFCG. *E-mail:* manassesmxavier@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora Doutora em Educação – UFPB. *E-mail:* rnodia@terra.com.br

## 1 Introdução

### 1.1 O ciberespaço e o jornalismo: uma relação logístico-funcional

A cultura tecnológica proporcionou diferentes e atrativas possibilidades de se produzir comunicação e interação, mas também, a urgente necessidade de adaptação social às demandas comportamentais que permeiam os usos efetivos da “vida tecnológica”.

À luz dessa perspectiva, Machado (2008) traz uma discussão sobre as influências que a utilização das novas tecnologias da informação surtiu nas práticas profissionais dos jornalistas e no fazer jornalismo. Para ilustrar a temática, o autor menciona que a participação da esfera digital no processo de confecção e circulação do texto jornalístico deve ser entendida em consonância com os recursos que as tecnologias da informação oferecem. Daí, a importância do jornalista buscar atualizações em conformidade com as dinâmicas hipertextuais do ambiente cibernético.

Dentro desse contexto, a produção de sentido das materialidades linguísticas – e extralinguísticas – presentes no discurso jornalístico está intrinsecamente vinculada à conjuntura verbo-voco-visual da linguagem digital. Em outras palavras, o sentido se dá na construção híbrida entre a palavra (verbo), o som (voco) e a imagem (visual).

Conforme Machado (2008), um aspecto positivo do ciberespaço para a produção jornalística é a possibilidade interativa disponibilizada por este ambiente de busca do conhecimento, uma vez que a interação do público – ciberleitores – pode ser efetivada com maior acessibilidade e compartilhada em rede mundial. Nestes termos, o autor evidencia a rapidez da informação e sua ampla circulação.

Antes de prosseguirmos com a discussão, convém definirmos o que, para nós, significa o ciberespaço: um lugar de comunicação e interação humanas, caracterizado pela velocidade de alcance, utilização de imagens e digitalização de textos que juntos, funcionando como elementos co-operantes, promovem a construção de sentidos nas práticas sociais contemporâneas de linguagem.

O termo é derivado do inglês *cyberspace* e foi utilizado pela primeira vez pelo escritor de ficção científica William Gibson, no ano de 1984, quando produziu a novela “*Neuromancer*”. Nesta obra, o escritor descreveu um ambiente eletrônico em que a



informação e os programas podiam ser manipulados no mundo externo por meio de escolhas sobre as formas, cores e movimentos.

O ciberespaço funciona como um ambiente de interação multidimensional, uma teia de informações navegáveis que, através do uso de técnicas de comutação eletrônica, possibilita a troca de conhecimentos numa perspectiva de eliminação de barreiras territoriais.

## 1.2 O hipertexto e a hipermissão: uma conexão interativa no ciberespaço

Ao estudarmos o artefato textual na perspectiva do hipertexto, reportamo-nos à concepção de que a linguagem humana – o código linguístico – é apenas um dos sistemas semióticos a serem considerados na produção de significados no âmbito das interações sociais.

Sob essa ótica, informações verbais e não verbais poderão desempenhar igual importância no processo de significação, sinalizando um hibridismo semiótico, determinado pela assertiva de que o processamento textual desenvolve-se com a leitura integrada do texto verbal e do material visual, como fotografias, infográficos, desenhos, símbolos etc.

Na visão de Mozdzenski (2008), a leitura lacunosa poderá afetar a compreensão da unidade global do texto,

uma vez que os sentidos produzidos pelas diversas semioses que compõem o texto multimodal não são independentes entre si (...) “em produções multimodais as possibilidades de construção de sentido se ampliam”, o que vem a explicar a “multiplicidade de leituras” desses textos. (MOZDZENSKI, 2008, p. 22, aspas do autor)

Assim, o hipertexto representa uma teia não-linear que suscita múltiplas possibilidades de interação. Representa, então, “um conjunto de nós de significações interligados por conexões entre palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos, sequências sonoras etc” (NOJOSA, 2007, p.74).

É, justamente, pensando na característica de convergência de linguagens do hipertexto que situamos a hipermissão: “todos os métodos de transmissão de informações baseadas em computadores, incluindo texto, imagens, vídeo, animação e som” (FERRARI, 2009, p. 99). O seu conceito remete à noção das atividades midiáticas produzidas e circuladas pelo



ciberspaço, oferecendo alternativas de cruzamento e interseção de diferentes manifestações de linguagens, o que enfatiza a sua natureza hipermodal.

No contexto da hipermídia há uma mudança na concepção do interlocutor da mensagem de acordo com a forma clássica da comunicação, uma vez que há condições de este sujeito entender, dialogicamente, a informação por vários acessos, vários ângulos.

O poder de escolha é fortalecido, de modo que o ciberleitor conduz o caminho a ser seguido, interrompido, seguido novamente, dependendo de seus interesses. Neste sentido, as escolhas representam produções de significados, representam práticas sociais de ações discursivas dos ciberleitores. Os significados são gerados a partir de escolhas não aleatórias, mas motivadas socialmente, ampliando a sinergia do saber.

A linguagem da hipermídia contrapõe aquela em que recebemos as informações através da mídia tradicional, visto que ela pode nos oferecer caminhos na direção de leituras mais complexas do mundo, das notícias e/ou do dia-a-dia. Desse modo, através da não-linearidade e dos *links* podemos encontrar novas vozes ou novas versões de uma mesma notícia, podemos desenvolver uma consciência crítica dos veículos tradicionais e do domínio das informações (NOJOSA, 2007).

Logo, o hipertexto é uma linguagem híbrida e flexível. Esta definição possibilita-nos entender que a hipermídia proporciona ao ciberleitor assinalar os *links* que orientam suas escolhas de leituras no caminho do discurso eletrônico.

A natureza desse caminho constitui-se como multilinear, acarretando ao sujeito social que desenvolve interações por meio dos recursos disponibilizados pela *Web* a consciência de um ser com voz ativa. Esta consciência nos faz lembrar o posicionamento de Lévy (1999) quando destaca que, no âmbito da cibercultura, toda leitura torna-se um ato de escrita, ou seja, entra nesta relação a ideia de produtor e não, mecanicamente, receptor de informações.

## **2 Características e funcionalidades do jornalismo digital**

O jornalismo digital representa uma revolução na maneira de apurar, produzir e circular conteúdo jornalístico. Nos dias de hoje, poucos discordam da importância das mídias digitais e de sua funcionalidade no panorama global dos meios de comunicação de massa.



A prática do jornalismo no ciberespaço define-se pelo uso de aparelhos multimídia na pesquisa, produção e distribuição de notícias e informações. No entanto, devido aos avanços tecnológicos, a sua definição está em constante transformação.

Ainda na década de 1990, o termo jornalismo digital ou ciberjornalismo correspondia as versões desenvolvidas para *Web* dos jornais impressos. Destacamos que,

contudo, esse panorama mudou. Atualmente, os sites noticiosos passaram a não somente reproduzir o conteúdo divulgado em sua versão impressa, mas também a disponibilizar informações adicionais sobre o assunto que não foram incluídas na versão impressa ou, informações complementares como por exemplo: vídeos, animações, entre outros recursos multimídia. Ou seja: o meio digital propicia a viabilização de produzir e distribuir conteúdo multimídia de forma rápida e precisa a fim de possibilitar a interatividade e com isso, despertar o interesse e a participação do público. (RASÊRA, 2010, p. 03)

No sentido de atender as necessidades cada vez mais crescentes da sociedade global, os recursos tecnológicos vão sendo desenvolvidos e condicionando acomodações por parte daqueles que, através dos portais, disponibilizam serviços via *Web*.

Ferrari (2009) mostra que os portais na *Web* podem ser classificados em horizontais e verticais. Os horizontais constituem os maiores volumes de tráfego na rede mundial de computadores. Já os verticais surgiram em 1999 com a busca dos usuários interessados em conteúdo e serviços personalizados.

Eles representam um espaço de interação na *Internet* reconhecido pela especialização do serviço prestado. Trata-se, portanto, de um trabalho especializado ou verticalmente focado em um conjunto de assuntos para uma comunidade de interesses comuns.

“Os portais verticais representam o perfeito casamento entre comunidade e conteúdo, uma vez que permitem personalização e interatividade com o usuário. Apresentam audiência segmentada, com tráfego constante e dirigido. Conseguem a fidelidade do usuário” (FERRARI, 2009, p. 36-37).

Nesse momento, é oportuno destacarmos que, didaticamente, consideramos neste trabalho portais todos os *sites* de conteúdos jornalísticos utilizados como fontes de investigação, como nos mostra Pinho (2003):

o conceito de portal, relacionado com a Internet, nasceu no começo de 1998, para designar os sites de busca que, além dos diretórios de pesquisa, começaram a oferecer serviços de e-mail gratuito, bate-papo em tempo real e serviços noticiosos. **Hoje os portais são entendidos como todo e qualquer site que sirva para a**



**entrada dos usuários na World Wide Web**, a primeira parada a partir da qual os internautas decidem os passos seguintes na rede mundial. (PINHO, 2003, p. 122, grifos nossos)

Em se tratando das características do jornalismo digital é possível afirmar que há mais informações na *Web* do que seria permitido encontrar em outro suporte de veiculação de conteúdo. Isto é o que caracteriza a noção de hipertexto, cuja informação é gerenciada pelos *websites* hospedados na rede.

Do ponto de vista do acesso à informação, o que torna o jornalismo digital diferente dos demais veículos, conforme Ward (2006), baseia-se em duas etapas pontuais, mas não excludentes: pesquisa e reportagem *on line* e *on line* como meio de publicação.

Na primeira, o usuário ao pesquisar uma matéria pode ter diferentes fontes, podendo, também, acessar notícias e reportagens anteriores, bem como demais gêneros jornalísticos. Refere-se, portanto, a um espaço em que é viável alcançar variedades de fontes, grande quantidade de dados, velocidade e acesso a debates, diálogos e conhecimentos através das ciberdiscussões.

A segunda etapa contempla novas possibilidades de disseminação das informações atravessadas pelo imediatismo, pela paginação múltipla, uso de recursos multimídia, plataformas de distribuição flexível, arquivamento de dados etc.

Destacamos, então, como características do jornalismo digital:

- Interatividade – a informação *on line* faz com que o ciberleitor sinta-se parte do processo;
- Customização do conteúdo/Personalização – produtos jornalísticos configurados de acordo com interesses individuais dos usuários;
- Hipertextualidade – traz a possibilidade de interconectar textos através de *links*;
- Multimídia/Convergência – trata-se da convergência dos formatos da mídia e
- Memória – o volume de informação disponível ao usuário é consideravelmente maior no jornalismo *on line* e no webjornalismo do que em outros suportes de mídias.

Sobre as atividades peculiares do jornalismo digital é preciso, ainda, definirmos algumas questões terminológicas. Para tanto, destacamos o estudo realizado por Mielniczuk (2003) que trata de uma sistematização de terminologias do jornalismo na *Web*.

Na visão dessa pesquisadora da Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria – Rio Grande do Sul –, a sistematização dos meios tecnológicos é fator preponderante na denominação do tipo específico da prática jornalística em tempos cibernéticos.

A seguir, reproduzimos o quadro apresentado por Mielniczuk (2003) a respeito das nomenclaturas sobre a produção e disseminação da informação no jornalismo na *Web*.

Nomenclatura	Definição
Jornalismo eletrônico	utiliza de equipamentos e recursos eletrônicos
Jornalismo digital ou Jornalismo multimídia	emprega tecnologia digital, todo e qualquer procedimento que implica no tratamento de dados em forma de <i>bits</i>
Ciberjornalismo	envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço
Jornalismo <i>online</i>	é desenvolvido utilizando tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real
Webjornalismo	diz respeito à utilização de uma parte específica da Internet, que é a <i>web</i>

**QUADRO 01** – Resumo das definições de nomenclaturas sobre práticas de produção e disseminação de informação no jornalismo na *Web* ou jornalismo digital

A autora define o âmbito eletrônico como o mais abrangente, por compreender a aparelhagem tecnológica das atividades jornalísticas. Nesta aparelhagem estão câmeras fotográficas digitais, gravadores de som, ilhas de edição etc.

O jornalismo digital pode ser também denominado de jornalismo multimídia, uma vez que trabalha com a manipulação conjunta de dados digitalizados através de uma linguagem em forma de *bits*. Consideramos como sinônimos de jornalismo digital os termos jornalismo na *Web* e ciberjornalismo.

O ciberjornalismo remete-se ao jornalismo realizado através do auxílio de possibilidades tecnológicas oferecidas pela cibernética. A nomenclatura *on line* – traduzindo para a Língua Portuguesa, em linha/rede – reporta à ideia de conexão em tempo real, ou seja, fluxo de informação contínuo e quase instantâneo.

Com relação ao webjornalismo, Mielniczuk (2003) explica que trata de uma parte específica da *Internet*. A nomenclatura encontra-se relacionada com o suporte técnico: para designar o jornalismo desenvolvido para a televisão, utilizamos telejornalismo; o jornalismo desenvolvido para o rádio, chamamos de radiojornalismo e chamamos de jornalismo impresso àquele que é feito para os jornais impressos em papel.



Neste trabalho entendemos como sinônimos os termos jornalismo digital e ciberjornalismo. Reconhecemos a diferenciação estabelecida por Mielniczuk (2003), mas preferimos uniformizar os termos tendo como referências os estudos de Ferrari (2009), Pena (2008) e Pinho (2003) que, por sua vez, não estabelecem tal diferenciação terminológica.

## 2.1 O jornalismo *on line*

Dentro das atividades do jornalismo digital situamos o jornalismo *on line*, aquele em que as empresas de comunicação de massa utilizam-se da *Web* para divulgarem seus produtos editoriais.

Nele, as publicações mantêm as particularidades essenciais dos veículos que lhes deram origem. Desta forma, refere-se a uma simples transposição do modelo existente no seu ambiente tradicional para um novo suporte (CANAVILHAS, 2008).

Para Borges (2009), o acesso gratuito ao mesmo conteúdo dos jornais impressos, a exploração de recursos multimídia, como a publicação de material audiovisual (hipertexto, inclusão de vídeos, galerias de imagens, infográficos animados, áudio), e atualização constante do veículo tornam o jornal *on line* dinâmico e atraente.

Vejamos nas Figuras 01 e 02 exemplos de situações concretas/materiais de comunicação e interação comunicativas no âmbito das práticas do jornalismo *on line*:





**FIGURA 01** – Página inicial do portal do Sistema Paraíba de Comunicação (TV)

Ao clicar no *link* “Bom Dia Paraíba”, o internauta é conduzido à página que traz os conteúdos da programação do dia daquele telejornal, como veremos na Figura 02 – Página inicial do telejornal “Bom Dia Paraíba”.



Matérias exibidas no “Bom Dia Paraíba” do dia 07/01/2011.

FIGURA 02 – Página inicial do telejornal “Bom Dia Paraíba”

## 2.2 O webjornalismo

Conforme Borges (2009), o webjornalismo apresenta um grau de amadurecimento notável e acompanha a adequação de profissionais e leitores à lógica peculiar de funcionamento da *Internet*, marcada pela velocidade de fluxos de informação e pelo potencial interativo.

Canan (2007) nos esclarece:

Há uma mudança significativa no papel do receptor da mensagem vista na forma clássica da comunicação. Há mais condições de este receptor tentar entender a informação por vários ângulos, principalmente com as novas perspectivas de interatividade. Sem falar na possibilidade de, não satisfeito com o que a matéria oferece, o receptor poder optar por buscar mais informações em outros websites. (CANAN, 2007, p. 143)

A busca de conteúdos no ciberespaço disponibiliza grande quantidade de informação, com o recurso de permitir ao ciberleitor o acesso apenas ao que lhe interessa e na(s) fonte(s) que lhe(s) convier(em).

“Para o pai do hipertexto, Ted Nelson, o conceito de texto elástico (*stretch text*), aquele que se expande e se contrai conforme as solicitações do leitor, faz com que o internauta assumo o comando de ação (...) como se estivesse em uma grande biblioteca digital” (FERRARI, 2009, p. 43).

Dentro dessas condições, a construção narrativa do hipertexto distancia-se da narrativa linear presente nos textos impressos ou nos produzidos para as mídias impressas (jornal impresso e revista) e eletrônicas (televisão e rádio). Pensar na informação webjornalística não significa desprezar as experiências do jornalismo vivenciadas ao longo da história, mas reconhecer as peculiaridades da informação hipermediática.

No que concerne à redação jornalística, a pirâmide invertida é uma das técnicas fundamentais do jornalismo escrito, como nos mostra a Figura 03 – Pirâmide invertida (CANAVILHAS, 2007).

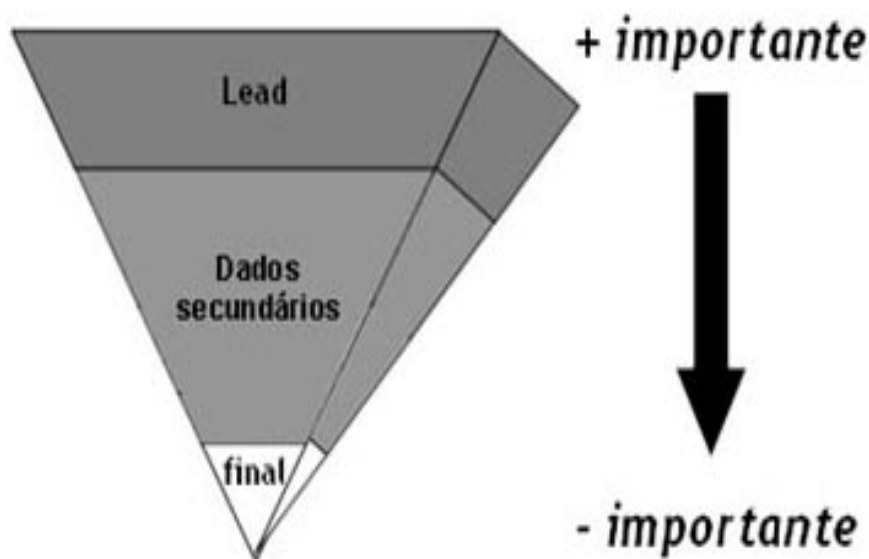


FIGURA 03 – Pirâmide invertida (CANAVILHAS, 2007)

A técnica da pirâmide invertida trabalha com a assertiva de que a redação de uma notícia se inicia pelos aspectos mais importantes – o *lead*: o que?, quem?, onde?, como?, quando? e por que? –, seguido de informações complementares – os *dados secundários*.

Pela natureza interativa do hipertexto, essa técnica é reconhecida, mas considerada limitadora, uma vez que “usar a técnica da pirâmide invertida na web é cercear o webjornalismo de uma de suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação” (CANAVILHAS, 2007, p. 30).

No suporte não hipermediático – mídias impressas e eletrônicas – o jornalista limita-se à questões espaciais e de duração. Na divulgação de conteúdos jornalísticos, de modo específico, a *Web* oferece novos horizontes de leitura, através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimídia organizados em camadas de informação.

Dentro desse contexto, Canavilhas (2007) mostra-nos que a arquitetura textual no webjornalismo sugere uma pirâmide deitada, conforme apresentado na figura a seguir.

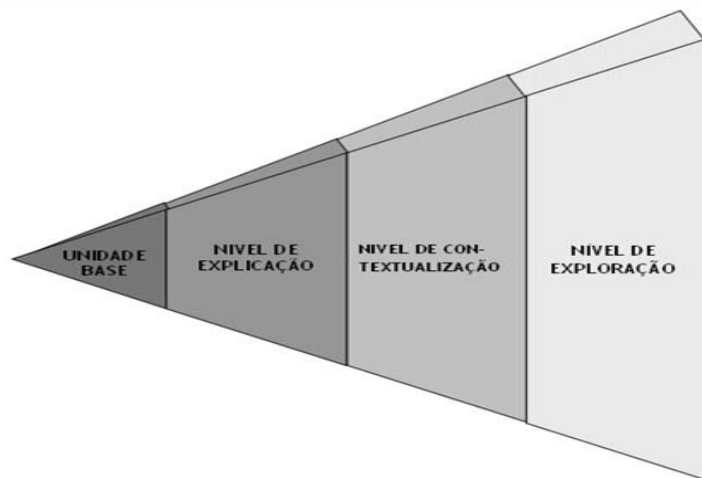


FIGURA 04 – Pirâmide deitada (CANAVILHAS, 2007)

Segundo Canavilhas (2007), na *Unidade Básica* encontra-se o *lead*. Este texto inicial poderá evoluir, ou não, para um formato mais elaborado – o *Nível de Explicação* – que completa a informação essencial sobre o acontecimento.

No *Nível de Contextualização* é oferecida mais informação em outros formatos multimídia, como vídeos, som, infografias animadas e outros. O *Nível de Exploração* liga o texto jornalístico ao arquivo da publicação ou aos arquivos externos.

A pirâmide deitada é uma técnica libertadora para utilizadores, mas também para os jornalistas. Se o utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal, o jornalista tem ao seu dispor um conjunto de recursos

estilísticos que, em conjunto com novos conteúdos multimídia, permitem reinventar o webjornalismo em cada nova notícia. (CANAVILHAS, 2007, p. 39)

É importante ressaltarmos que não se constitui objetivo deste trabalho realizar um estudo mais aprofundado a respeito da arquitetura textual nas atividades linguageiras do webjornalismo. No entanto, julgamos necessária esta discussão trazida por Canavilhas (2007), sobre a pirâmide deitada, para a produção hipertextual do jornalismo na *Web*. Tal discussão nos estimula a prosseguir com novos olhares sobre o tema e, conseqüentemente, enveredar em pesquisas futuras seguindo esta linha teórico-metodológica.

A seguir, apresentaremos as Figuras 05 e 06 que mostram o trabalho do jornalismo digital vinculado às especificidades do webjornalismo.

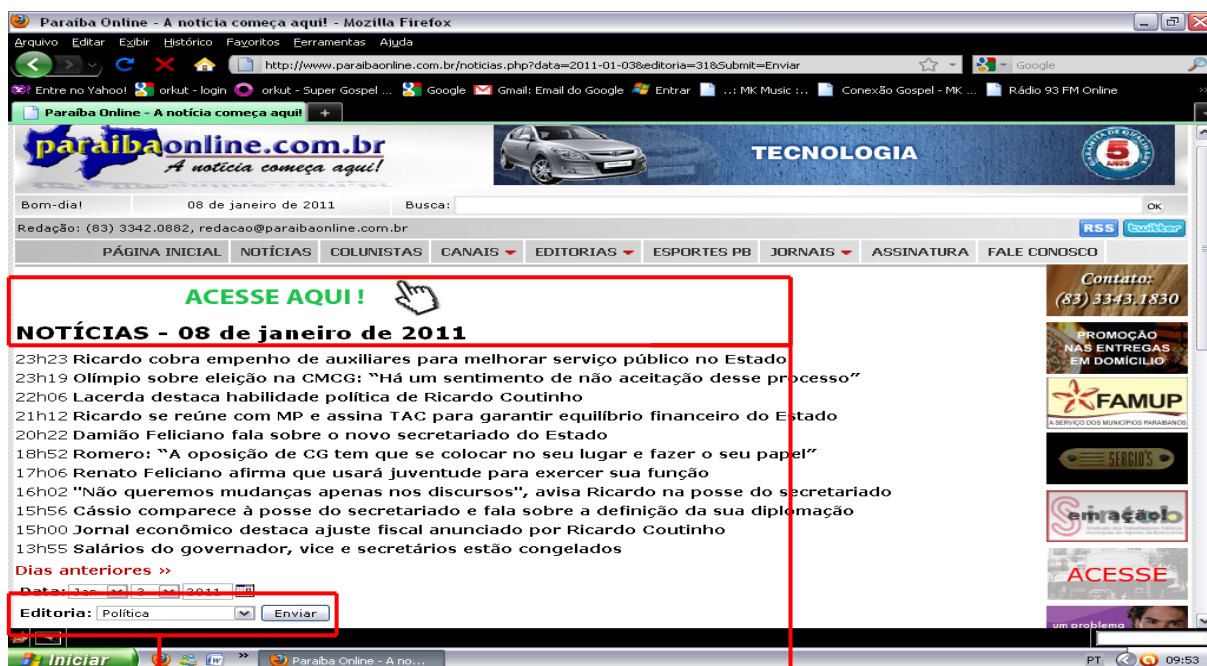


The image shows a screenshot of the Paraiba Online website homepage. The browser window title is "Paraiba Online - A notícia começa aqui! - Mozilla Firefox". The address bar shows "http://www.paraibaonline.com.br/". The page features a navigation menu with options like "PÁGINA INICIAL", "NOTÍCIAS", "COLUNISTAS", "CANAIS", "EDITORIAS", "ESPORTES PB", "JORNALS", "ASSINATURA", and "FALE CONOSCO". A red box highlights the "EDITORIAS" menu, which lists various categories such as "Brasil", "Diversão", "Economia", "Educação/Ciência", "Eleições 2008", "Esporte na Paraíba", "Giro pelo Esporte", "Mundo", "Paraíba", "Política", "O CANAL SÃO JOÃO 2009", and "São João 2010". Another red box highlights the "COLUNISTAS" section, which lists several authors with their photos and names: "Rossandro Klinjey", "Mica Guimarães", "Turismo e Eventos", "Alexandre Moura", "Tiago França", and "Ailton Elisiário". Below the screenshot, two red boxes contain explanatory text. The first box explains that clicking on the "Editorias" link will lead to a page with a list of editorial lines, and the second box explains that clicking on a columnist's name will lead to their archive of articles.

Ao clicar no link "Editorias" aparecerá uma barra contendo as linhas editoriais. Após a escolha, o ciberleitor navegará até o espaço da editoria desejada, como nos mostra a Figura 13 – Página da editoria política do portal Paraiba On line.

Colaboradores do portal Paraiba On line. Clicando em determinado colunista, o usuário da rede terá acesso ao arquivo de matérias produzidas por este profissional.

FIGURA 05 – Página inicial do portal Paraiba On line



Indicação da editoria política do Paraiba On line.

Ao selecionar o título da matéria, o ciberleitor, a partir de um *clic*, terá acesso ao conteúdo na íntegra.

FIGURA 06 – Página da editoria política do portal Paraiba On line

### 3 Considerações finais

É oportuno ressaltarmos que a apresentação das Figuras 01, 02, 05 e 06 funcionou para mostrar, embora que de forma tímida/introdutória, a atuação destas duas especificidades do jornalismo digital: jornalismo *on line* e webjornalismo.

A discussão não se esgota na diferenciação terminológica e, como já mencionamos, ela pode direcionar outras perspectivas de abordagens que, certamente, sinalizariam outras categorias de análise.

Nossa intenção principal consistiu em dialogar sobre as características hipertextuais do jornalismo na *Web*. As especificações jornalismo *on line* e webjornalismo representaram o posicionamento teórico-metodológico-analítico – e também didático – que norteou, neste trabalho, o eixo de reflexão sobre o suporte digital nas atividades contemporâneas do jornalismo.

Sob essa perspectiva, concluímos que o jornalismo *on line* representa a circulação do material jornalístico preparado, a princípio, para outro suporte de mídia, como a televisão e a revista, por exemplos. Há, então, um processo de transferência de suporte. Enquanto que o webjornalismo corresponde a atividade jornalística pensada, produzida e circulada, especificamente, para/na *Web*, isto é, webjornalistas são profissionais contratados para trabalharem com a produção de material midiático para empresas de comunicação vinculadas, de forma situada, a ambientes virtuais.

De modo específico, “a informação no ciberespaço tende a se caracterizar pelo processo e não pelo produto. (...) Essa nova situação comunicativa privilegia o surgimento de informações coletivas, de complexa assinatura, em permanente processo de elaboração” (ALZAMORA, 2004, p. 106).

Nesse sentido, como os avanços tecnológicos também se definem pela noção de processo, consideramos que a relação entre tecnologia e sociedade se fundamenta na construção dinâmica de conhecimento. Nestes termos, se esquivar a esta realidade é praticamente impossível diante das demandas atuais de ações comunicativas.

## Referências

ALZAMORA, G. A semiose da informação webjornalística. In: BRASIL, A. et al. *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004, p. 100-125.

BORGES, J. *Webjornalismo: política e jornalismo em tempo real*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

CANAN, A. A não-linearidade do jornalismo digital. In: FERRARI, P. (Org.). *Hipertexto Hiperídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 141-148.

CANAVILHAS, J. *Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança*. Texto extraído de <http://www.bocc.uff.br/.../canavilhas-joao-jornalismo-online-webjornalismo.pdf>. Acessado em outubro de 2008.

\_\_\_\_\_. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: BARBOSA, S. *Jornalismo digital de terceira geração*. Covilhã – Portugal: UBI/LABCOM, 2007, p. 25-40.

FERRARI, P. *Jornalismo digital*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, E. *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*. Texto extraído de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/machado-elias-ciberespaco-jornalistas.pdf>. Acessado em outubro de 2008.

MIELNICZUK, L. *Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na Web*. Texto extraído de <http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2003/mielniczuk2003.doc>. Acessado em agosto de 2010.

MOZDZENSKI, L. *Multimodalidade e gênero textual: analisando criticamente as cartilhas jurídicas*. Recife: Editora Universidade da UFPE, 2008.

NOJOSA, U. N. Da rigidez do texto à fluidez do hipertexto. In: FERRARI, P. (Org.). *Hipertexto Hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 69-78.

PENA, F. *Teoria do jornalismo*. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2008.

PINHO, J. B. *Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line*. São Paulo: Summus, 2003.

RASÊRA, M. Jornalismo digital: do boom aos dias atuais. Uma reflexão sobre a necessidade da convergência de meios decorrente da mudança de hábitos de consumo da notícia. In: *Ícone* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. v. 12. n. 1. Ago – 2010.

SALAVERRÍA, R. *Convergência periodística: propuesta de definicion teórica y operativa*. Barcelona – Espanha: 2007.

WARD, M. *Jornalismo online*. Trad. Moisés Santos *et al.* São Paulo: Roca, 2006.